

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA: Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Pelxoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Porteiro, 22-5002. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr\$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr\$ 140,00; Semestral (26 números), Cr\$ 70,00. Registrada: Anual, Cr\$ 170,00; Semestral, Cr\$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr\$ 270,00; Semestral, Cr\$ 140,00. Número atrasado, Cr\$ 3,50. Agentes em todas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Toda correspondência deve ser enviada ao diretor.

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

Representante em São Paulo: A Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69, Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD

VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS

JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO:

Vamos aprender a falar? (Leon Eliachar)	3
Cesar-se-á Greta Garbo com um príncipe russo? (Leonel Araújo)	4
Vitaminas dando sopa (Salvyano Cavalcanti de Paiva)	5
Quando uma porta se abre (Armando Migueis)	8
Prelúdio de amor (sinópse ilustrada)	10
Roteiro de viagem (Alberto Conrado)	12
Telas da cidade (redação)	14
A CENA em Hollywood (Violet Kinney)	15
Flashes mundiais	16
Notícias	17
Como se faz um filme de gangster (Leon Eliachar)	18
O lar de Jean Fontaine	20
Foto-biografia de Tyrone Power (Thomas Keene)	21
Zero-Hora (René Nunes)	25
Melodias para você	26
Rádio (Armando Migueis)	28
Fichário radiofônico	31
Arquivo (Brooklyn Jack)	32
Coluna do fã	33
Pausa para meditação	34
Mexericos	34

★
C.A.P.A.
Susan Hayward
(Foto Fox)

CINEMA NACIONAL

Vamos aprender a falar?

Um dos graves defeitos do nosso pobre cinema nacional é o pouco valor e a pouca atenção que os diretores dão aos diálogos. Em princípio, são mal redigidos, mas, o que é pior, são muito mal interpretados. Não existe a menor naturalidade e as palavras soam falsas e inconvincentes, caindo, a maior parte das vezes, no mais estrondoso ridículo. Não nos recordamos de um artista sequer que nos tenha dado um trabalho convincente, salvo a última atuação de Anselmo Duarte, que foi a que mais se aproximou da realidade, em "A Sombra da Outra", que podemos considerar, em última hipótese, como uma "promessa".

Vários são os fatores para que os artistas falem com desembaraço. Nos primórdios do cinema sonoro, notava-se nos filmes aquela acentuação exagerada nos artistas que pronunciavam as palavras com mais ênfase do que se devia, defeito esse que é, erroneamente, considerado "qualidade" nos palcos de um teatro. Mas tudo se justifica, até certo ponto. Se num teatro, onde a acústica é prejudicada por falta de precaução na sua construção, o artista é obrigado a "gritar", para que todos ouçam — já que obtém por cento da força de uma peça teatral recaem sobre os diálogos. O mesmo não se tolera no cinema que é, por princípio, contrário aos diálogos e se eles são usados, porque são indispensáveis, em certas ocasiões, existe o recurso dos microfones que são escondidos em locais próximos do artista ou o "play-back" (gravação posterior). Assim, não é necessário o esforço sobrenatural dos artistas, como no caso dos brasileiros, que, apesar da sensível melhoria do som, ainda insistem em exagerar demasiadamente a pronúncia das palavras, com receio, talvez, de que não sejam compreendidos. Mas, verdade, amigos, o defeito não é de som nem coisa alguma: nossos artistas não sabem, realmente, falar. Se alguns culpam a técnica sonora e outros culpam o nosso idioma, esses argumentos são fracos e ilógicos. Se a culpa é do nosso idioma, porque soa mal dizer, literariamente, "Eu te amo", basta que se diga: "Eu gosto de você", que é como usualmente se diz na linguagem corrente. Basta, portanto, que se fale no cinema como se fala na vida real e que se sinta o que se diz para que todo o mal seja sanado. Porque os artistas do cinema brasileiro são, geralmente, apanhados no rádio ou no teatro e já trazem consigo as duas gramáticas diferentes para usá-la diante de uma câmera. E quando o artista não vem de nenhuma dessas duas escolas, o desastre é muito maior. Ainda que muitos atores nacionais tenham talento, o que não duvidamos, esse defeito persiste; porque, evidentemente, compete também ao diretor a maior parte da responsabilidade. Por outro lado, por mais paciência que um diretor de cinema nacional tenha, existem certos elementos dos quais dificilmente se consegue arrancar uma palavra. E esses, para o bem da arte, deveriam desistir. E vocês já fizeram os cálculos para saber, exatamente, quantos sobriariam?

leon eliachar